

A resignificação da imagem e cultura do negro na literatura infanto-juvenil

Josineide Barbosa Pereiraⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0016-7558>

Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

E-mail: josineidebarbosa.barbosa@gmail.com

Isabela Cristina Gomes Ribeiro da Silvaⁱⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1398-3352>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: isabelaribeirowork@gmail.com

Gabriela Tavares Barboza de Limaⁱⁱⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6844-7318>

Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

E-mail: gabriela.tblima@professor.joaopessoa.pb.gov.br

Dra. Rosilene Felix Mamedes^{iv}

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7290-0778>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: rosilenefmamedes@gmail.com

Resumo: A literatura infanto-juvenil é um tipo recente direcionado para o público jovem, a literatura veicula valores presentes na sociedade e ajuda na formação de conceitos. Com a implementação da Lei de Diretrizes e bases que torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas a serem executadas pelos estabelecimentos de ensino público no Brasil. Tornou-se imprescindível a discussão em torno da imagem e identidade que o negro assumiu nas ultimas décadas nos livros paradidático usados nas escolas publicas do nosso país. Po e esses motivos este trabalho científico analisara quatro obras genuinamente nacionais, que tratam a questão etnicorracial de forma diversa. Em “**Histórias de Tia Nastácia**” Lobato trata à cultura Popular com desdém em detrimento da cultura de “elite” através de seus personagens a falta de cultura de tia Nastácia e de seu povo recebe ênfase. Ziraldo em sua obra **O menino Marrom** desconhece por completo as relações etnicorraciais no nosso país mistificando essas relações através do mito da democracia racial. Nos terceiro e quarto capitulo farei a análise de duas obras pioneiras no Brasil **A cor da ternura** e a **A cor do preconceito** trazem as relações etnicorraciais para o cerne das discussões, pontuam o preconceito sofrido por suas personagens de forma realista e com uma aguçada

ⁱ Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Especialização em Literatura e Cultura Africana e Afro-brasileira (UEPB).

ⁱⁱ Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Grupo de Pesquisa CNPq/UFPB Laboratório de Estudos de Poesia (LEP).

ⁱⁱⁱ Graduada em Letras – Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

^{iv} Doutora em linguística – UFPB.

sensibilidade que toca fundo em questões que a muito nossa sociedade tenta camuflar, a discriminação de raça e gênero é colocada em evidência. O que busquei com tantos questionamentos é mostrar como um mesmo problema assume pontos de vista diversos, pude perceber que devemos levar em consideração a posição do autor quem escreve o quê. Mostrar que o papel do educador é essencial na luta contra o preconceito racial e que o profissional da educação tem a obrigação de conhecer seu público e o material didático e paradidático que destinará aos seus educandos.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Identidade. Imagem.

The resignification of the image and culture of black people in children's and youth literature

Abstract: Children's literature is a recent type aimed at young audiences. Literature conveys values present in society and helps in the formation of concepts. With the implementation of the Law of Guidelines and Bases that makes the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture mandatory to be carried out by public education establishments in Brazil. It has become essential to discuss the image and identity that black people have assumed in recent decades in the textbooks used in public schools in our country. Given these reasons, this scientific work will analyze four genuinely national works, which deal with the ethnic-racial issue in different ways. In “**Stories of Tia Nastácia**” Lobato treats Popular culture with disdain to the detriment of “elite” culture. Through his characters, the lack of culture of Aunt Nastácia and her people is emphasized. Ziraldo in his work **The Brown Boy** is completely unaware of ethnic-racial relations in our country, mystifying these relations through the myth of racial democracy. In the third and fourth chapters I will analyze two pioneering works in Brazil: **The Color of Tenderness** and **The Color of Prejudice** bring ethnic-racial relations to the heart of the discussions, highlighting the prejudice suffered by their characters in a realistic way and with a keen sensitivity that it touches deeply on issues that our society has long tried to camouflage, racial and gender discrimination is highlighted. What I sought with so many questions is to show how the same problem takes different points of view, I was able to see that we must take into account the position of the author who writes what. Show that the role of the educator is essential in the fight against racial prejudice and that the education professional has the obligation to know his audience and the teaching and para-teaching material that he will provide to his students.

Keywords: Children's and young adult literature. Identity. Image.

La resignificación de la imagen y la cultura del negro en la literatura infantil y juvenil

Resumen: La literatura infantil es un tipo reciente dirigido al público juvenil. La

literatura transmite valores presentes en la sociedad y ayuda en la formación de conceptos. Con la implementación de la Ley de Directrices y Bases que hace obligatoria la Enseñanza de Historia y Cultura Afrobrasileña y Africana en los establecimientos de educación pública de Brasil. Se ha vuelto imprescindible discutir la imagen y la identidad que las personas negras han asumido en las últimas décadas en los libros de texto utilizados en las escuelas públicas de nuestro país. Por estas razones, este trabajo científico analizará cuatro obras genuinamente nacionales, que abordan la cuestión étnico-racial de diferentes maneras. En “**Historias de tía Nastácia**”, Lobato trata con desprecio la cultura popular en detrimento de la cultura de “élite”. A través de sus personajes, se enfatiza la incultura de tía Nastácia y su pueblo. Ziraldo en su obra **El niño moreno** desconoce por completo las relaciones étnico-raciales en nuestro país, mistificándolas a través del mito de la democracia racial. En los capítulos tercero y cuarto analizaré dos obras pioneras en Brasil: **El color de la ternura** y **El color del prejuicio** traen las relaciones étnico-raciales al centro de las discusiones, resaltando los prejuicios sufridos por sus personajes de manera realista y con un Se destaca una gran sensibilidad que toca profundamente temas que nuestra sociedad ha tratado de camuflar durante mucho tiempo: la discriminación racial y de género. Lo que busqué con tantas preguntas es mostrar cómo un mismo problema toma diferentes puntos de vista, pude ver que hay que tener en cuenta la posición del autor que escribe qué. Mostrar que el papel del educador es fundamental en la lucha contra los prejuicios raciales y que el profesional de la educación tiene la obligación de conocer a su público y el material docente y par docente que proporcionará a sus alumnos.

Palavras-chave: Literatura infantil y juvenil. Identidad. Imagen.

Submetido: 01/04/2024 | Revisado: 04/04/2024 | Aceito: 05/04/2024 | Aprovado: 08/04/2024.

INTRODUÇÃO

A literatura infanto-juvenil é um gênero ainda recente, mesmo depois de três séculos de produção especialmente pensada para o público infantil, ou seja, só a partir do século XVII, passou a se pensar a “infância” como um espaço separado do adulto. Com a aprovação da lei de N. 10.369/2003, que institui as Diretrizes curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas a serem executadas pelos estabelecimentos de ensino cabendo aos mesmos em seus diversos níveis e modalidades, no âmbito de sua jurisdição, orientar e promover a formação de professores e supervisionar o cumprimento das Diretrizes (Souza, Braga, braga, 2006, p.19).

Com a Lei 10.369/03 vem à tona no Brasil questões que antes eram ignoradas ou apagadas pela máscara do mito da democracia racial, mito este que resiste e persiste na condução histórica recente do país, ainda muito forte e atuante. Consideramos-nos um país livre de preconceito especificamente os de cor/raça (ressalta-se que “raça” nesse contexto está intimamente relacionada à cor), pois apesar de sermos um resultado de uma grande mistura/mestiçagem, obtido por extrema violência (o regime escravocrata, a exclusão social), por trás desse discurso de igualdade se escamoteia um sistema perverso e cruel de uma “sutil” segregação social. A sociedade brasileira camufla seus preconceitos formados por séculos de dominação, discriminação e ódio que cerceiam os direitos de uma grande parte de nossa população. Por meio da vergonha, as “cabeças-baixas”, a falta de conhecimento e a baixa auto-estima se incute ao negro a ideia de inferioridade em relação aos brancos, pois aprendemos desde muito cedo que o negro é sinônimo de degradação. Fabrica-se uma mentalidade de que o negro é um povo sem história, sem cultura, sem heróis, desprovidos de beleza e caráter.

Em casa esses conceitos vêm mascarados por piadas e estereótipos que são colhidos na sociedade e reproduzidos por nossos pais, legado do regime escravocrata. Mas é na escola que esses estereótipos ganham força com mais intensidade, especialmente porque os educadores não estão preparados para lidar com as questões

raciais de forma clara e desmistificadora, então impera a lei do silêncio ou ainda de forma mais violenta são divulgados fatos e teorias que ao invés de ajudar o(a) aluno(a) negro(a), o faz ter vergonha de seus traços físicos, da história e da cultura de seu povo.

Os livros didático e paradidático que estão disponibilizados nas escolas públicas refletem essa triste representação, estão arraigados de esteriótipos e valores pautados em valores eurocêntricos, que exaltam o branco em detrimento do negro.

Neste artigo acadêmico o principal intuito é fazer a análise de quatro livros infanto-juvenis que são lidos por alunos de escolas públicas, Histórias de tia Nastácia de Monteiro Lobato e o O menino marrom de Ziraldo, A cor da ternura, de Geni Guimarães e A cor do preconceito, das autoras Carmem Lúcia Campos, Sueli Carneiro e Vera Vilhena.

Os dois primeiros livros de autores consagrados, trazem aspectos deturpados da população negra, tia Nastácia além de traços físicos pejorativos e animaisos tem sua cultura desprezada pelos demais personagens da história, já em O menino marrom o problema é mais sério, pois há uma negação total por parte do autor tanto dos fenótipos físicos quanto culturais da população negra, escondido sob a égide da democracia racial, o Brasil é comparado a uma aquarela onde existem pessoas de todas as cores exceto pretas e brancas. Como uma criança ou jovem pode se identificar com esses conceitos embora distintos, mas deturpadas da população negra.

Também faço a análise de mais duas obras A cor da ternura, de Geni Guimarães e A cor do preconceito das autoras Carmem Lúcia Campos (escritora e professora de Língua Portuguesa); Sueli Carneiro (filósofa e militante dos Direitos Humanos, especialmente o das mulheres negras); Vera Vilhena (escritora e professora mestranda de História). O grande diferencial desses livros é que foram escritos por escritoras negras, o primeiro conta a trajetória de uma adolescente negra e pobre, que ganha uma bolsa de estudos em uma escola particular, mostra os dramas vivido por Mira, tanto de cunho psicológico individual quanto coletivo, os conflitos vividos por Mira lhe encoraja a reafirma sua identidade e se orgulhar de sua raça. Já em A cor da ternura (livro biográfico), conta a trajetória de Geni desde sua infância pobre no interior de São Paulo

até sua vida adulta, trás a tona os conflitos interiores e os preconceitos vividos pela menina em especial no espaço escolar e como ela conseguiu vencê-los através do afeto dedicado por sua família numerosa e generosa que lhe proporcionou alicerces para se firmar como mulher e especialmente como mulher negra que tem orgulho de suas origens. As duas obras são repletas de valores históricos, culturais e acima de tudo identitários, as duas personagens conseguem superar os obstáculos e preconceitos dos quais são vítimas através de valores étnicos, que são uma ponte para a afirmação de sua condição e sua auto-estima.

Espero que esse estudo preliminar que aqui início sirva de inspiração para outros colegas e especialmente de alerta, pois como educadores devemos pensar nossa ação a cada passo para que a triste mancha que é o preconceito racial seja extinguido de nossas escolas e conseqüentemente de nossa sociedade de uma vez por todas.

1.1 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A literatura infantil é um gênero considerado inovador, além da denominada infanto-juvenil, são caracterizadamente pensadas para públicos específicos; esses conceitos só surgiram a partir do Século XVII, com a ascensão da ideologia burguesa, pois antes dessa época não havia infância, entendida como “nenhum espaço separado do adulto”. Mas qual principal característica das literaturas infantil e infanto-juvenil, o que a diferencia da literatura produzida para adultos.

Carlos Drummond de Andrade. (1992) A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens e aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado a crianças, desde que vazado em linguagem simples, isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa de desfaz.

Para Drummond o que encanta crianças, jovens e adultos é a beleza da arte, a

literatura colocada como ponte entre o real e o fantástico. Até mesmo porque no que poderia ser considerado o início da literatura infanto-juvenil, não havia uma divisão muito concisa do que seria literatura para adultos e o que seria para jovens. Os contos dos irmãos Grimm é um bom exemplo, pois de início eram contos escritos para adultos, mas com o passar do tempo foi atribuído ao entretenimento do público infantil e jovem.

Apesar dessas considerações não podemos deixar de levar em consideração que mesmo que mais tarde um livro infantil encante um adulto ou vice-versa, quando é produzido, seu autor o destina a um público em específico, mesmo que o livro seja escrito por um adulto seu alvo são as crianças e adolescentes, conscientemente esta inculcado na sua escrita uma linguagem acessível a esta camada da sociedade.

A literatura infantil no Brasil, surgiu no final do século XIX e, como não poderia deixar de ser, começou com as obras pedagógicas e sobretudo adaptadas de produções portuguesas demonstrando a dependência das colônias.

Segundo Lajolo e Zilbermam (1984) Lobato é um dos primeiros escritores no Brasil que se interessa em escrever para crianças, tendo como antecessor Tales de Andrade com o livro *saudades*, Lobato lança em 1921 (o livro de leitura para uso nas escolas primárias) *Narizinho Arrebitado*. Que foi adotado pelas escolas públicas do estado de São Paulo e se torna um grande sucesso.

Com o modernismo surgem novos autores interessados na literatura para crianças, o tema nessa época é extremamente nacionalista. “A pesquisa do passado nacional na busca autêntica de brasilidade, (...) o recurso ao folclore, especialmente o de procedência indígena e africana (...)” (Lajolo; Zilberman, 1984, p.52).

Os livros dessa época usam a oralidade como principal recurso, traço marcante do modernismo, as histórias de aventura tinham o recurso do escapismo como principal características, inconformados, com o modo de vida que tinham, eles arranjavam uma maneira de fugir, mas geralmente colocavam a sua vida ou de outros seres em risco, essas histórias se aproximavam das fábulas, pois sempre tinham um cunho moral, onde o mais velho era sempre o mais sábio, o lar, o lugar seguro, do qual eles deviam se orgulhar e aceitar sua atual condição de vida.

A lei de N. 10.369/2003 institui as Diretrizes curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas a serem executadas pelos estabelecimentos de ensino cabendo aos mesmos em seus diversos níveis e modalidades, no âmbito de sua jurisdição, orientar e promover a formação de professores e supervisionar o cumprimento das Diretrizes (Souza; Braga; Braga, 2006, p.19).

Essa Lei foi aprovada após anos de muita luta e é uma conquista do povo negro, através da sociedade civil organizada, é uma arma contra o racismo institucional e contra o mito da democracia racial que infelizmente coabita entre os brasileiros. É uma lei direcionada para a educação, pois se entende que é no espaço escolar, que o racismo é disseminado através de gestos, palavras e omissões.

Mas é também na escola onde deve ser dado o primeiro passo para uma sociedade mais justa e humana, e nesse espaço que o futuro do nosso país se desenvolve e como educadores temos a obrigação de direcionar os jovens desse país a trilhar esse caminho.

A literatura é uma arma eficaz nessa luta, desde que usada de modo correto, e a seleção dos livros que são lidos e analisados por nossos jovens, não pode ficar em segundo plano.

Por esse motivo pretendo analisar quatro obras literárias, direcionadas para o público infanto-juvenil, analisar suas peculiaridades, inovações ou retrocessos ao

longo de nossa curta história literária, como esses livros poderiam ajudar educadores e jovens na luta contra a discriminação racial.

Dentre elas estão os livros, Histórias de tia Nastácia, do escritor Monteiro Lobato publicado primeiramente no ano de 1938, com várias reedições posteriores; O menino Marrom, do escritor Ziraldo Alves Pinto, publicado no ano de 1986; A cor do preconceito das escritoras, Carmem Lúcia Campos, Sueli Carneiro e Vera Vilhena, publicado no ano de 2001 e A cor da ternura da escritora Geni Guimarães publicado no ano de 1989.

2 ESTERIÓTIPOS NEGATIVOS EM TORNO DO NEGRO

Monteiro Lobato foi pioneiro na escrita para crianças aqui no Brasil, ele mostra toda sua ousadia quando funda a sua primeira Editora Nacional voltada para a literatura infantil, as poucas que existiam no país era pré-moldada nos moldes europeus, então Lobato alça vôo com edições coloridas e povoadas de mistérios que atinge em cheio seu público alvo, sendo assim seus livros são adotados pelo Estado para as escolas de ensino fundamental “narizinho arrebitado”, é um sucesso incontestável.

Com o modernismo surgem novos autores, que seguindo o exemplo de Lobato passa a se dedicar à literatura infantil, mas é ele o prepussor dessa nova tendência que é um sucesso, de início uma grande parte das histórias contadas recebiam uma influencia direta do folclore, tanto nacional quanto Europeu.

Em 1921, Lobato lança o livro “narizinho arrebitado”, livro didático que foi adotado pelas escolas públicas de São Paulo, começando assim a série, “Sítio do Picapau Amarelo”. Tia Nastácia é uma personagem de grande relevância em suas obras, na narrativa de “Reinações de Narizinho” ela é descrita da seguinte forma: “tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, como olhos de retrós preto sobancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa” (Lobato, 1991, p.7).

Tia Nastácia é a cozinheira do Sítio, a partir da descrição feita pelo próprio Lobato, podemos perceber claramente qual sua representatividade dentro do Sítio, é a “negra de estimação”, também colocada no prefácio do livro como sendo “O adulto sem cultura que vê no que é desconhecido o mal, o pecado.”

Vamos analisar esses aspectos pejorativos da personagem, Lobato escreve para crianças, a sua intenção não é apenas encantar as crianças, mas fazer com que elas se tornem adultos conscientes, formadores de opinião, pessoas críticas. Suas obras têm um cunho pedagógico, dentro desta perspectiva qual o conceito da população negra é repassado para as crianças? Uma vez que tia Nastácia representa não apenas uma classe

social, mas uma categoria étnica também. Lobato reafirma um preconceito existente na sociedade, “negra de estimação” quando faz essa afirmação, reduz a um estado animalesco a personagem, “O adulto sem cultura que vê no que é desconhecido o mal, o pecado.” A coloca em um estagio primitivo. São teorias e mitos que são usadas anteriores ao século XV, mas reforçada nesta época em específico, até os nossos dias atuais, para justificar o domínio e a escravização dos povos africanos, um racismo estrutural latente em suas obras. Segundo Munanga (1984, p. 39-47). Essa imagem coletiva do negro, transformada em mito, não teria conhecido as proporções que teve no desenrolar da história e não teria pesado tanto no destino dos povos negro-africanos se não tivesse o tratamento científico, ou, a bem da verdade, pseudo-científica, que lhe deram os ideólogos ocidentais. A literatura é uma arma de persuasão, pois é uma cópia da realidade maximizada.

Segundo Camargos (2007) no capítulo intitulado como “A mãe preta e o escritor negro” narrado pela neta de Lobato, Joyce, descreve a relação de Lobato com a cozinheira de sua casa, Benta, que foi criada em sua casa, a qual ele chamava de mãe preta, Joyce relata um episódio em que seu avô recebeu para almoçar um jovem escritor negro, Benta se recusou a servir o rapaz, Lobato após o almoço a repreendeu, pois não se pode diferenciar as pessoas pela cor da pele. Quando criou o sítio, colocou Benta como Nastácia. Ela faz uma dissertação a respeito dos ex-escravos que seu avô criou e que Lobato não fazia distinção de cor entre as pessoas.

A vida e a obra do escritor Monteiro Lobato foram repletas de discursos controversos, Lobato foi uma personalidade polêmica, a maior polêmica atual do autor gira em torno da questão racial, afinal Lobato pode ser considerado racista ou apenas mal compreendido por alguns críticos da atualidade. A questão é complexa e requer um olhar atento e livre de censura. É em busca desse olhar sem censura que enveredo nesse trabalho. Vou, antes de mais nada, esclarecer dois pontos, o primeiro é que seus personagens povoaram a minha infância com toda magia e encantamento que só um homem de visão e muita sensibilidade poderia conferir a seus personagens, segundo, ao longo da minha vida acadêmica deparei-me com pontos de vista teóricos e práticos que

me mostraram que a obra de Monteiro vem recheada do dissabor da escravidão e trás intrínseco em sua obra o colonialismo patriarcal que imperou por tanto tempo aqui no Brasil e pelo racismo estrutural.

Irei analisar a forma representativa da personagem tia Nastácia no livro “Historias de Tia Nastácia”, de Lobato, uma coletânea de “histórias do nosso povo”, histórias da cultura popular, contadas por tia Nastácia, como um sujeito ativo natural dessas histórias.

- Uma idéia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo o que o povo sabe vai contando de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela. (...) As negras velhas - disse Pedrinho - são sempre muito sabidas. (Lobato, 1965, p.07)

É com essa intenção, há de conhecer as “histórias do povo”, que se inicia a narrativa das “Histórias de Tia Nastácia”, ela como representante do povo, assim como seus antecedentes, escravos trazidos da África, sem instrução escolar, contando apenas com a oralidade para repassar suas histórias, de desinências africanas, indígenas em sua maioria, mas contendo alguns aspectos europeus.

Tia Nastácia não é consultada, não tem uma opinião formada é convocada a contar as histórias populares como parte de um ritual de superstições sem sentido, uma transmissão feita basicamente de forma automática, sem que haja uma intervenção durante as investidas das crianças, exceto quando se referem a ela como um ser estranho que se utiliza de histórias absurdas para transmitir outras mais estranhas ainda, é o povo negro tendo suas crenças e sabedoria, transmitida através da oralidade, desmerecida e menosprezada diante das culturas de elite, representada pela escrita.

É interessante percebermos no silenciamento de Tia Nastácia, a tentativa de miscigenação com o intuito de apagar o negro da nossa sociedade, após a abolição da escravatura em 1888, foram formuladas diversas teorias veiculadas especialmente pela mídia da época, a imprensa, com o intuito de controlar a população negra. Uma dessas teorias girava em volta da miscigenação como forma de eliminar o elemento negro de

nosso país e de nosso sangue, seria realizada em poucos anos uma limpeza étnica promovida através da mestiçagem. A abolição foi usada pela elite como uma forma de controle social, especialmente por parte dos políticos e classes dominantes da época a fim de se manterem no poder, para que esse controle fosse exercido, foi preciso sublimar a participação do povo negro desse movimento político e social, calando suas vozes, através do mito que se tornou em nosso país a abolição, colocando o homem branco, seja através da imagem da princesa Isabel ou dos abolicionistas como únicos responsáveis por este ato revolucionário. O silêncio de tia Nastácia nos diz muito, nos mostra de forma latente que esse foi o tratamento dispensado em nossa sociedade aos seus antepassados e ainda está presente em nossa sociedade.

Dona Benta é o adulto branco e sábio que está encarregado de traduzir o pensamento de Tia Nastácia, mas não em sua defesa, pelo contrário, mas como uma confirmação dos questionamentos feitos pelos meninos de que a cultura popular é pobre, sem criatividade e mais que isso sem pé nem cabeça como diz Dona Benta pelo o que é exposto através de Tia Nastácia, é um remendo mal feito das histórias “cultas” em especial as da corte ibérica, que foram trazidas pelos

portugueses e que chegando até aqui se confundem com o folclore africano e histórias indígenas, tornando-se um emaranhado sem sentido.

- Esta história se parece com as nossas daqui -disse Narizinho- Bem bobinha.

- Sim, mas que havemos de esperar dos pobres negros do Congo? Sabem onde é o Congo? (...) - É verdade. O pobre Congo foi uma das zonas que forneceram mais escravos para a América, de modo que muitas histórias dos nossos negros hão de ter as raízes lá. (Lobato,1989, p.75)

A pobreza a que se faz inferência nesta passagem é a pobreza cultural e econômica. O Congo, assim como diversos países Africanos era formado por inúmeras etnias, cada uma com sua forma própria de organização social que resulta na produção cultural de cada comunidade. Não podendo dessa forma aceitar o título de “pobreza”. Referências como estas foram concebidas há muitos séculos atrás entre elas vou citar

duas a do historiador grego Heródoto, que escreveu a respeito dos povos africanos são seres que se alimentam de gafanhotos e de cobras, partilham as mesmas esposas e se comunicam através de gritos agudos como os morcegos. Em 1684, François Bernier publica a primeira classificação racial, nota-se que os negros vêm depois dos índios e imediatamente depois deles vêm os orangotangos (Munanga, 1984, p.40-41).

Baseados nessas teorias produzidas por ocidentais, para favorecer ocidentais na exploração, tráfico e genocídio dos povos Africanos por séculos é compreensível a observação de D. Benta “pobre gente” a África foi estudada e mostrada ao mundo por um viés eurocentrico, que tinha como objetivo primeiro afastar daquelas terras outros colonizadores, então capricharam nas aberrações e deformações para despreverem os africanos, sua pobreza e primitividade foi exaltada ao máximo para afastar a concorrência e claro justificar a barbárie da escravidão.

“Pobre gente do Congo”, aqui fica evidente uma forma de subjulgamento de uma cultura a outra as referências financeiras articuladas junto a questões variantes de coletividade essa fala dos personagens do sítio seria uma inferência ao que (Ayala; Ayala, 2006) nos fala para eles o meio rural é considerado o local privilegiado do folclore, desde os primeiros estudos, devido á suposição de que o homem do campo seria mais conservador, tradicional, ingênuo, rude e inculto, atributos tidos por muitos como caracterizadores do folclore, muitos estudiosos da cultura popular usavam ainda de métodos comparativos com outras culturas (abrindo o pressuposto de que uma cultura seria superior à outra), para realizarem seus estudos e ainda faziam correções em suas análises, essas correções eram realizadas segundo uma visão elitista e moralista.

Na conferência de Berlim em (1884-1885) onde participaram 15 países, sendo 13 europeus, os Estados Unidos da América e 1 país otomano, essa conferência tinha como objetivo a partilha do continente Africano entre os presentes. Foi decidido que a região do Congo ficaria a cargo da Bélgica que na época era governada pelo imperador Leopoldo II, o território do Congo era mais vasto que a capacidade da Bélgica em administrar e explorar. Por esse motivo usaram métodos desumanos e macabros de dominação, estima-se que em seis meses, aproximadamente 6.000 pessoas foram mortas

ou mutiladas, mãos e orelhas eram arrancadas como prova dessas mortes pelos soldados Belgas. Alguns teóricos e cientistas que participaram do domínio no território do Congo eram nazistas, já que após a Primeira Guerra Mundial os alemães ocuparam a Bélgica, os campos de concentração e experiências macabras praticadas durante a Segunda Guerra Mundial contra judeus e outras etnias na Alemanha, muito tempo antes foram usados no continente Africano.

O Congo é riquíssimo em recursos naturais, por esse motivo sua independência foi conquistada através de muita luta, em junho de 1960, o Congo se torna independente, em 1961 uma sangrenta guerra civil é travada na disputa pelo poder, em novembro de 1965 o General Mobuto Sese Seko assumiu o poder e estabeleceu uma ditadura personalizada, tornando o país um sustentáculo das potências ocidentais na África (Serrano, 2007).

Trouxe esses dados para exemplificar de que forma o continente africano foi tratado desde a sua colonização, os colonizadores se retiraram a partir da década de 60 os países africanos foram conquistando sua independência, deixando para trás um rastro de destruição, o holocausto dos judeus durante a segunda guerra mundial, foi amplamente divulgado e combatido pela comunidade internacional, enquanto o caos, miséria e chacinas do continente africano são mascarados por teorias absurdas, que atribuem aos africanos a única responsabilidade pela situação caótica na qual estão inseridos, os conflitos étnicos não podem ser ignorados, mas é interessante salientar, que séculos de exploração, fizeram parte da realidade desses povos, que foram alijados de seus direitos fundamentais.

D. Benta toma conta das narrativas, Tia Nastácia se retira dando lugar a histórias do folclore de todo o mundo, mostrando assim a superioridade cultural de D. Benta em detrimento da pobre Nastácia negra de origem desconhecida que é revelada por uma simples curiosidade dos meninos em saber de que origem cultural insignificante ela adivinha além de pertencer ao povo.

O mais curioso é que justamente Emília a representação lombadiana no texto através da qual se manifesta o próprio Lobato, que, pela postura eternamente

questionadora da boneca de pano, extravasa o seu inconformismo segundo Azevedo; Camargos e Saccheta. Foi criada ao menos de início por Nastácia mais tarde criatura revolta-se contra criador contestando vorazmente a sua cultura ou como pensava e dizia Emília “sua falta de cultura”, falo de início, pois a boneca criou vida em proporções incalculáveis talvez para o próprio Monteiro que de início a coloca apenas como a bruxa de pano da Lúcia.

Lobato coloca “Tia Nastácia”, como representante de um projeto literário que oculta a naturalidade de simplesmente contar histórias. Mas que lugar poderia haver, nesse mundo moderno, para as tias Nastácia e as culturas que elas representavam? Lobato recorre à oralidade em outras situações de sua carreira literária. Mas este recurso é usado por D. Benta, mulher culta que o usa para facilitar o fascínio das crianças por suas histórias de origem também culta, clássicos de todo o mundo que são trazidos para o sítio pela boa senhora, uma legítima pedagoga libertadora. Ou seja, se a enunciação mimetiza o mundo da oralidade, o enunciado vem do moderno mundo da escrita, ao qual se subordina o da oralidade, mero instrumento de passagem deste para aquele, esse recurso usado, sobretudo por Lobato. Mas como Tia Nastácia não é dona Benta, a situação de oralidade que ela protagoniza não aponta para além de si mesma e, sobretudo, não contribui para elevação cultural de seus ouvintes, já que nem os familiariza com a moderna literatura infantil e tampouco os aproxima de clássicos; muito pelo contrário, constitui um rebaixamento cultural, já que é arcaico o mundo que se faz presente em suas histórias.

Segundo Lajolo, num certo sentido, esta opção formal de Lobato torna problemática a tese que proclama fontes populares como uma das matrizes onde foram buscar inspiração certa vertentes do modernismo: a apreensão e representação da incompatibilidade entre a cultura popular e a cultura das elites brasileiras, não deixa de prestar o serviço político de inscrever, na estrutura da obra, a fratura da sociedade na qual ela ocorre. No Brasil, a partir do final do século passado, incluem-se entre estes fornecedores de matéria prima da chamada Cultura Popular, ex-escravos, negros libertos e seus descendentes que, à semelhança de tia Nastácia e tio Barnabé, que com o

centenário da Abolição não tiveram carteira de trabalho assinada pela Princesa que abolira a escravidão. Assim, o apagamento da tensão entre o mundo da cultura de uma negra analfabeta e o da cultura das crianças brancas que escutam suas histórias pode ter um sentido alienante.

CONCLUSÃO

A disseminação das teorias racistas no século XIX é vergonhosa para nossa sociedade. Foram importadas para o Brasil teorias racistas especialmente da Europa. Durante a escravidão o negro era tratado como objeto, justificado por ideias racistas que o configuravam como inferior, mas com o advento da abolição ele passa a ser visto como indivíduo incomponente socialmente. E o desprezo pelo povo negro só aumentou com a abolição, pois eles passaram representar uma ameaça. No intuito de continuar controlando a população negra, diversas teorias foram implantadas na sociedade, entre elas e a mais perigosa, o mito da democracia racial, atestando que no Brasil nunca houve barreiras raciais (Santos, 2001).

Os mitos existem para esconder a realidade. Entretanto, a ideia da democracia racial não só se arraigou. Ela se tornou um mores, como dizem alguns sociólogos, algo intocável, a pedra de toque da “contribuição brasileira” ao processo civilizatório da humanidade. (Fernandes, 1989.)

Após a abolição os cientistas da época acreditavam que em poucas décadas a raça negra seria diluída em nossa sociedade, para garantir à eficiência dessa teoria a imigração, especificamente europeia foi apoiada amplamente, pelas elites de nosso país. “Dessa forma, a tentativa de se construir uma imagem positiva do negro acaba por esbarrar na miscigenação. Como poderia haver racismo num país marcado pela mistura de raças?” (Santos, 2001, p.126).

Em *O menino marrom*, o seu criador o escritor Ziraldo Alves Pinto caracteriza-o como bonito, o que é uma valorização da estética africana, além de mostrar os laços de amizades entre o menino negro e o branco sem preconceitos. Apesar de seu caráter

aparentemente valorativo a obra *O menino marrom*, traz claramente explícito o mito da democracia racial, o autor faz uma tentativa de diluição do elemento racial tanto o negro quanto o branco.

E vamos deixar de lado este negócio de preto, pois a nossa história é do menino marrom. (...) O mundo não é dividido entre pessoas brancas e pretas. Mesmo porque, elas não existem. O que existe é gente marrom, marrom-escuro, (...) cor-de-rosa e todos esses nomes aproximados e compostos das cores e suas variações. (Pinto, 2005, p.3-18)

A beleza da pele marrom é exaltada, assim como os traços fisionômicos do menino marrom, mas na construção do personagem a descrição da cor de sua pele, olhos e cabelo assumem uma colorimetria interessante, pois sua herança africana é negada, se não existe preto e branco, então não existe racismo no Brasil, esse é o cerne do discurso racista no Brasil, travestido da chamada “democracia racial”. O elemento negro e branco é negado, mas nos espaços de conflito esses valores são exaltados especificamente o branco em detrimento do negro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Literatura infantil*. IN Confissões de Minas. Rio de Janeiro: Aguilar, Editora, Obra Completa, 1992.

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é Cultura Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ARRUDA, José Jobson. *Brasil Império e República*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998.

AYALA, Marcos; IGNEZ, Maria e AYALA, Novais. *Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Ática, 2006.

AZEVEDO, Carmem Lúcia de; CAMARGOS, Maria e SACCHETA, Vladimir. CAMARGOS, Márcia. *Memórias da neta de Monteiro Lobato- Juca e Joyce- São Paulo: Moderna, 2007.*(Série imagem & contexto)

CAMPOS, Carmen Lucia, CARNEIRO, Sueli; VILHENA, Vera. *A cor do preconceito*. São Paulo: Ática, 2007.

CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*.

São Paulo: Selo Negro, 1998.

CHERVALIER, Jean; Gheerbrant, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DONDIS, Donio A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERNANDES, Florestan. *Significado do Protesto Negro*. São Paulo: cortez, 1989. coleção polêmicas do nosso tempo: V. 33.

FERNANDES, Leila Maria Gonçalves Leite. *A África na sala de aula: visita a história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

FILHO, Américo Pellegrine. *Antologia do Folclore*. São Paulo: EDART, 1982. FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2002.

GEERTZ, Glifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. São Paulo. FTD, 1991.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*; Tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11.ed.-Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOSHIBA, Luiz; Pereira, Denize F. Manzi. *Brasil Colônia: O trabalho escravo na história do Brasil*. História do Brasil. Ed. atual, pg. 34. Disponível em: <http://www.Historianet.com.br/conteúdo/default>. Acessado em: 03/09/2009.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MATTELART, Armand. & NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MAFESSOLI, Michael. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2008.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: cidades Letras, 2001.

MISAEEL. *História da Menina Izildinha*. Disponível em: <http://minhaprece.com/menina-izildinha/histria-da-menina-izildinha/>. Acessado/06/01/2011.

MONTEIRO LOBATO. *Furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC,1998.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de Hoje*. São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. *Raízes científicas do Mito do negro e do racismo ocidental*. In: Temas Imesc, Soc. Dir. Saúde, São Paulo, V.1, n.1, p. 39-47, 1984.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PAZ, Octavio, *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

RICOUER, Paul. *Indivíduo e identidade pessoal*. In: VEYNE, P. VERANANT J-P;... [et alli] *Indivíduo e Poder*. Trad. Isabel D. Braga.Lisboa: Edições 70, 1988.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto II*. São Paulo: Perspectivas,1993.

SANTAELLA, Lucia; Noth, Qinfried. *Imagem: Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SERRANO, Carlos e Waldman, Maurício. *Memória Di África: A temática aplicada em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomáz Tadeu da. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais/ Tomáz Tadeu da Silva (org.)*. Stuart Hall, Kthryn Woodward.-Petropolis, RJ: Vozes, 2000.